



Gaiato



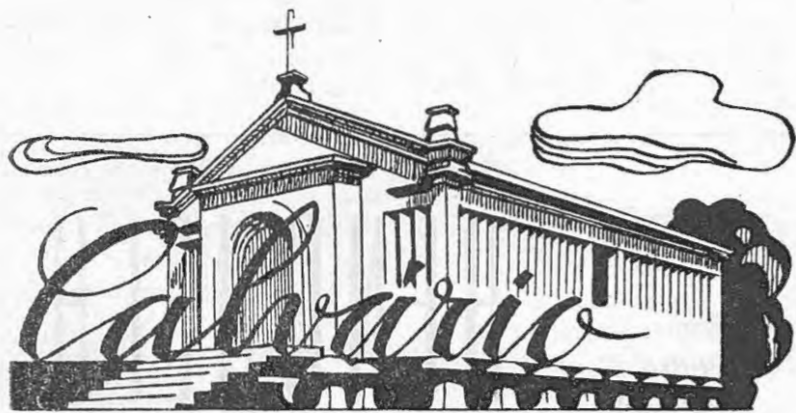
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

29 DE FEVEREIRO DE 1961
ANO XX - N.º 521 - Preço

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALTE DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENAR
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



DEIXO o Porto e estou em Leça do Balio. Passo à beira do Mosteiro. O granito amarelecido tem séculos. As pedras falam de tempos idos. O templo de glórias que nos orgulham. Ele apregoa a fé de nossos conterrâneos doutrota, que o ergueram e nele rezaram. Os homens viviam mais unidos naquele tempo. Sentiam necessidade de casa comum para se encontrarem. Mas o templo fez a sua época. Hoje é monumento. Os homens agora encontram-se a viver separados, e o que é pior, não sentem grande precisão (se é que alguma sentem!) de se encontrarem como filhos de Pai comum. Vamos dar com eles, paredes meias, mas em polos opostos. As barracas andam coladas aos muros floridos de cercas nobres. As tábuas abrigam multidões, tal como o betão armado. Tão perto vivem e tão raro se conhecem os homens!

Ainda estou em Leça. O pátio está aberto a quem passa. Delas, das barracas que nos incomodam, em redor. Baixinhas para serem mais quentes. E escuras, porque sem luz. À direita, com porta de estábulo, cujo postigo é vendado por saco meio roto, a que procuro. As tábuas rangem ao empurrá-las. Faço-o com cuidado, que um colchão aparece-me aos pés. A dimensão interior deste abrigo é pequena. E tudo quanto nele há está no chão. Os Pobres amam o chão mais os trapos. A Pobre de que me falaram está enrolada neles. Do cheiro não falo. Do que ela se alimenta, também não. Digo somente que não tem ninguém. Os animais têm dono, por

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA



Mais uma linda casa do Património dos Pobres da Murtosa.

PATRIMONIO DOS POBRES

Por Padre Horácio

O Júlio pede-me um Património para este número, «pois já há muito que não vem e o fogo não pode deixar de crepitar».

O Júlio tem razão. O fogo não pode extinguir-se. Seria o gelo. O gelo nos corações e nas almas é a morte. A morte é a negação da vida. A vida é a aspiração do homem. A vida de amor, de fogo, tem de

ser a aspiração dos cristãos. Viver sem amor é vegetar. Quem não ama, não vive: vegeta. Quem não ama os outros como a si próprio não é cristão, não ama a Deus; ama-se.

O Património dos Pobres tem sido um fogo do Espírito Santo. Tem consumido almas e vidas no verdadeiro Amor. Tem sido a afirmação da vocação do homem para o que não é terreno, efémero, temporal. O homem tem fome e sede de espírito. Daqui nós percebemos um pouco o que têm sido doze anos de história do Património.

Das muitas que nos chegam aí vai a carta de um pároco que se tem debruçado sobre a sorte dos irmãos que são seus paroquianos:

«Desejava falar ou expor dois casos:

1) — Família muito pobre, 3 filhos vivos e 2 falecidos. Vive numa pobre e reles casa de que pagam 350\$00 por ano, que o dono abandona para os forçar a sair, pois com o tempo a casa tornou-se inabitável. Já lhes lá nasceu um filho que com o resfriamento, ou doença contraída pelo frio, logo morreu.

Este ano atrasou-se na renda e o dono logo pôs a questão num advogado. Quando tive conhecimento da questão arranjaram-se os 350\$00, mas o dono não quer receber e o advogado também não.

Precisamos de lhe fazer uma casinha, embora pobre será possível uma ajuda?»

2) — É pedreiro. Vive sem salário. Tudo compra. Não tem terras. Forçado pelas circunstâncias e em momento de optimismo resolveu fazer uma casa e fez. Pediu dinheiro ao banco e a particulares. Agora os particulares apertam-no e o juro do banco é certo.

Está arrependido de se comprometer com a casa. Será possível uma ajuda?»

Há dias, logo manhãzinha, telefona um aluno de medicina da Universidade de Coimbra. Queria muito falar-nos mas deu o recado ao telefonista. Os alunos do primeiro ano estavam todos unidos e decidiram fazer alguma coisa pela habitação dos Pobres.

Estes jovens querem orientação e terreno. Têm vontade e braços. Disse-lhes das dificuldades do terreno e argumentei, quando me disseram havia à volta da cidade bons terrenos: quem os tem, gerem-nos. Tem casa boa e bastantes. «Infelizmente é assim respondeu a voz que me falava.

Estes rapazes e estas raparigas, amanhã os médicos de nação, quanto não poderão fazer!

Continua na 3.ª página

Festas

Mesmo a horas de anunciar a data da nossa Festa no Coliseu, chegam notícias de Aveiro. É o Trindade, de Miranda, ali a prestar serviço no Exército: «Pelo que acabo de ler, Aveiro não figura nas cidades que este ano podem contar com a nossa Festa». Quem disse que não? Nós não queremos ir adiante de ninguém! «Como Aveirense que sou, lastimo muito. Lastimo ainda porque muitas pessoas, em elevado número, quantas me sabem gaiato, me têm perguntado com ansiedade, quando é que os Gaiatos cá voltam ao Aveirense».

Ainda bem. Nós queremos e gostamos ser desejados.

«O ano passado, como em outras cidades, Aveiro correspondeu inteiramente

e constitui uma promessa para os anos seguintes. Creio bem que como Aveiro em nenhum lado fomos tão festejados; nós que tínhamos ido fazer festa. Sobretudo nunca rodeados de tamanha amizade». Continua fazendo votos para que a ideia vá à frente, na certeza de que os amigos de sempre não faltarão a abraçá-la, a aplaudi-la, a colaborar para que ela seja mais um êxito.

Sim senhor, vamos a Aveiro. A Braga, também.

E a Viana do Castelo e a Guimarães?

O Coliseu está definitivamente marcado para 16 de Abril, à noite. Das outras contamos dizer no próximo número do Famoso.

Padre José Maria

zem e

mpre o
O cão
muito
prio os
vemos
vamos,

úmero
pela
Capela
um e
rezado
bé, e o
legria!
s vens

Pinto

ISA

, num
amoso,
casará

n Paço
sempre
corra
preen-
mentos
aço de
a Casa,
om sua
to, se-
e Ben-
rão ao

ossos
érico e
muito,
falas e
vir que
ento!
cá um

astante
a anda
e elas
pernas!
ditas,
bunais.
es clan-
! Não
come-
rnas...
pres de
rar ao

eixeira

M

A pág.

de Sou-
tal dos
a Casa
\$00 em
vos de-
de Lis-

Águeda

ra em
erra fa-
1.000

no dia
eque de
lo Fun-
para a

receita
os e a

.000\$00

.000\$00

.000\$00

e que
osso en-

—Viseu

IN&S

Cantinho de MALANJE



Por
PADRE
TELMO

«Eles mentem». As vezes, sim. Procuremos partir da sua própria-mentira. O alicerce para a elevação do indígena é ele mesmo... e nunca a nossa própria mentalidade.

Se quisermos fazer conforme nós, sai tudo torto — trepadeira feroz que prende em vez de libertar.

Deram-nos:
Uma Conferência Vicentina, 500; funcionários do Banco de Angola, 600; uma menina «para os gaiatos», 20; Silvina Rosa, 250 e seu filho 10; num envelope dirigido «à Obra da Rua», 300; roupas e calçado dados em segredo — o Pai do Céu sabe e apontou; do Sr. Governador, 1.750 e muito carinho; mais roupas dum senhor que não disse o nome; pelo Sr. P.e Mafra, 1.600 dum grupo de alunos do Liceu Camões.

A primeira pedra da nossa Aldeia lá está no lugar onde



A sementeira da batata, no Culamuxito.

Já moramos no Culamuxito. As nossas casas pequeninas de chão de cimento, paredes de tijolo e adobos, telhas enegrecidas por antigas fogueiras, foram reparadas por nós com tanto carinho que é um regalo viver nelas. De dia, a nossa lagoa oferece-as reflectidas com tanta serenidade... À noite, é o tapete de silêncio, bordado com guisos de sapos e pios distantes.

Celebramos missa debaixo dum copado em túnel.

Tomamos as refeições à sombra duma árvore; e à noite, aconchegados à fogueira. Cada um toma o seu prato e se serve do próprio tacho onde o comer foi feito.

Germinaram as sementes que a Firma Santos Pinto nos ofereceu. Vamos ter frutos.

Oferecer uma semente é uma prova de confiança. Lançá-la à terra é a resposta. E mais: Nutre, germina o Amor.

Tratei o Miguel — mais velho do que eu — por tu. «Deixa ver a catana» (pessoa inferior). Ficou a pesar-me...

e na próxima: «Sr. Miguel, por favor». «Ó! obrigado», respondeu.

Nem Miguel... lado a lado! Contemplemos com amor a terra imensa que Deus criou, não para raças, mas para os homens. Para o Homem.

Vieram de longe, atravessaram a cidade e bateram à nossa porta a pedirem trabalho. Vimos. Demos pão e trabalho.



Mais, uma perspectiva dos trabalhos agrícolas na Casa do Gaiato de Malanje — o desbravamento do bananal.

CALVÁRIO

Continuação da 1.ª página

via de regra. As refeições daqueles são reguladas e os criados não as omitem. Esta Pobre não tem ninguém. Ai que se ela fosse excepção à regra! Mas quantos como ela não amam os trapos que os cobrem em lugares solitários!

— Manduram-na embora do Hospital. Não tinham mais nada a fazer. — Diz uma voz atrás de mim.

— Deixe, que não fica aqui, — respondo-lhe.

É o paradoxo. Por toda a parte parece-nos ver, e vemos realmente, interesse pelo homem e empenho grande em defendê-lo. As instituições em prol do mesmo homem multiplicam-se hoje em dia. Mas quando nada mais há a fazer pelo homem, porque se esbarra com o impossível na ciência humana, ou porque seria inglório o labor a dispendir, voltam-se as costas (e isto seria o menos!) deita-se fora o mesmo homem. Não será apenas vaidade pelo trabalho ou orgulho pelo resultado o fim com que se age? Pois quando nada pode resultar, nada se faz tanta vez. É que o nosso século ainda não descobriu o Homem, por causa de quem tudo vale a pena.

Esteve entre nós, há dias, jornalista da capital. Veio ver isto, e viu e estremeceu com o que viu e chorou. E ao sair declarou: — «Sou profissional vai em 34 anos. Pois nunca! Nunca reportagem alguma me impressionou desta maneira. Nunca supus que o Homem merecesse tanto. Valesse a pena tanto por via dele». E eu respondo-lhe: — É que o senhor ainda não tinha feito a descoberta do Homem. Do Homem por quem Cristo deu a vida.

PADRE BAPTISTA

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

ORDINS

Pegas n'«O Gaiato», e lê. O quê?

Ai que o jornal é uma tribuna, onde a Verdade, e só Ela, se deve anunciar.

Pois o «Famoso» não o sabe falar-te senão nessa linguagem, que tu e todos entendem.

Sei que não ignoras isto mesmo: lembro-o tão sômente para que, cada vez mais e melhor, o entendas, e não fiques surdo à sua voz. Não é lícito exigir sempre?

Vinha isto a propósito do que ouves dizer sobre Ordins — este lugar da freguesia de Lagares.

A propósito, lembro-te (ou é recordação?) o interesse de Pai Américo por Ordins: «P.e Aires construa um Centro de Assistência».

A casa levantou-se, e, como por toda a parte, fez florir, à volta, a flor bendita da Caridade, que vê o próprio Jesus Cristo na pessoa do nosso semelhante, ainda que em retrato muito apagado, mas sempre vivo. E, então, levantam-se casas, outras se arranjam, procuram-se empregos, cuida-se dos doentes, dá-se assistência material e espiritual... com a ajuda da abençoada e providencial Obra da Rua, que o mundo inteiro tão bem conhece, e que tanto aprecia. Mas, porque é obra

de todos — a Caridade não exclui ninguém — de todos precisa. Quem é que pode dar se primeiro não recebeu?

Amigo, lembra-te sempre de Ordins.

Há casas a fazer, a arranjar... Caridade que é preciso praticar. Nós não descansamos, mesmo agora, que trabalhamos especialmente para quando voltar o inverno.

Não te esqueças também de nós. Precisamos de muita lã, roupas usadas, tiras, um relógio de parede... sei lá eu de que mais.

P.e Vieira

Visado pela
Comissão de Censura

Diálogo na rua

Foi no Lobito. Já não sei dizer as horas que eram. De saca a tiracolo e pé ligeiro, passa um garoto junto de mim. A batina branca chama-lhe a atenção. Abeira-se. Pede a mão e dá-lhe um beijo. Outros passam ao lado, grandes e pequenos. Este parou.

Conversámos. Os olhos dele fixaram-se nos meus. Sua voz

tinha tanto de suave, como de serenidade o seu rosto. Não passava dos oito anos.

— Donde vens? E os teus pais? Mal sabia eu o drama que ia naquela alma!

— Minha mãe é costureira. Não fala no pai. Mas não resisti. E o teu pai? Baixou os olhos...

Compreendi.

E os olhos não mais se levantaram. Foi-se embora. Eu fiquei à esquina daquela rua. O movimento era grande. Carros e mais carros. Pessoas apressadas aviavam seus recados ou faziam suas compras. Ninguém reparava naquele pequeno. Ignoravam o que se passava dentro dele. Desapareceu no meio do bulício da cidade.

No entanto, sua imagem ficou gravada na retina dos meus olhos. Suas últimas palavras abriram ferida no meu coração.

E, em grupos, continuavam a passar diante de mim. Comecei a ter medo de dialogar com eles. Não queria fazê-los sofrer. Apeteceu-me, sim, correr atrás do outro e perguntar-lhe se queria um pai «que lhe ligasse» e uma casa de família para viver.

E vi passar, como no ecran, os 60 que ora são meus. E pareceu-me ouvir de muitos deles a mesma resposta...

Só um coração de pedra poderá ficar insensível. Um coração de carne, não.

Estamos habituados a lidar com a miséria. Topamo-la a cada passo. Mais, vamos ao encontro dela. Apesar disso não conseguimos ficar insensíveis. Doi-nos. O sofrimento comunica-se-nos. Sentimos a dor dos que sofrem, como a alegria dos que são felizes.

Entra também neste círculo.



Diálogo



— Senhor Padre, queria falar-lhe numa coisa.

— Então diz lá.

— Sabe, quando cheguei à minha terra aconteceu o que eu esperava: a minha mãe anda com outro no ventre.

— E...

— É que já somos oito e a minha mãe não há maneira de ter juízo. Quando o meu irmão Rola veio para cá, ela prometeu-me que não voltaria a cair. E depois disso, já são mais dois. Agora pede-me para eu meter cá outro, o meu irmão Quim. Se o senhor Padre pudesse...

— Ó Campanera bem sabes como temos sempre imensa dificuldade. São tantos os que já esperam.

— Pois é, mas ele assim vai pelo mesmo caminho da minha irmã. A minha mãe não faz o comer para os meus irmãos por andar a ganhar o dia. O Quim é que toma conta dos outros dois e agora mais este. Depois não vai à escola. Como a minha irmã, que já tem dezasseis anos, e está a servir no Porto!

— Ah tens uma irmã no Porto!?

— Pois tenho. Há um rapaz de 19 anos, a marçano no Porto. E um cliente pediu-lhe uma criada. Ele chegou à terra e a minha mãe deixou-a ir, na companhia dele. O senhor Padre já vê. Um rapaz de dezasseis, com uma de dezasseis, sôzinhos na cidade... Eu não quero que ela vá pelo caminho da minha mãe!

— De facto é muito perigoso. E difícil evitar.

— Se o senhor Padre me deixasse ir vê-la, para eu saber como ela anda...

— Está bem. Podes ir ao Porto qualquer dia e vê se lhe falas. É tua irmã.

— Mas o meu irmão? Lá na terra insistiram comigo para eu pedir. Até me perguntaram se eu cá na Casa tenho bom comportamento. E eu disse que sim; tive um período em que cada um tem as suas faltas, mas agora não. «Então vê lá, disseram; fala ao coração do senhor Padre e depois escreve para cá—a dizer que sim. Lembra-te que é mais um que sai da lama. Nós vamos lá levá-lo. Ele aparece lá, mas não é pela mão da tua mãe!»

— Eu compreendo que todos queiram ajudar o teu irmão. Mas olha, isso não resolve o problema da tua mãe. Na medida em que ela vai ficando livre dos filhos, mais fácil lhe é cair.

— Mas ela, com um que ainda não anda e prestes a ter outro, acha que cairá outra vez? A brutalidade é de quem abusa dela. Abusa dela, não lhe cria os filhos e arde! Eu já estive para escrever ao meu

pai, mas ele não me conhece e eu até tenho vergonha de ir ter com ele.

— O problema da tua mãe, meu caro, parece-me que não é só nenhum homem não tomar a seu cargo os filhos que tem dela; é, também, que os filhos não lhe eustam a criar.

— Pois é. Mas eu apesar de nunca ter tido o amcr de mãe, porque foi o meu avô que me criou, queria ajudá-la, porque é minha mãe!

— Olha, para já, não te vou dizer que sim. Quantos casos como o de teus irmãos!

— Mas digo aos nossos Leitores que no drama que tu vives, temos para meditação séria

três problemas graves. Primeiro: a situação injusta de tantos filhos ilegítimos vítimas inocentes. Segundo: o maior— abandono covarde e até impune da mãe e dos filhos ilegítimos à caridade pública, a maior parte das vezes por gente de algo.

— Pois o meu pai dizem que até tem dois automóveis...

— Terceiro: como o problema da tua irmã, o problema de tantas raparigas abandonadas que, no fim de contas, constituem um círculo vicioso na roda da vida. Abandonadas, que geram abandonados!

Felizes daqueles que, como tu, encontraram a salvação!

Fausto e P.e José Maria



Auto- Construção

Os miseráveis não pagam coisa alguma; os ricos pagam menos; os pobres pagam sempre mais. Quem pretender fazer uma obra tem que tirar e pagar as respectivas licenças. Compreende-se. O Estado tem que arrecadar receitas para satisfazer despesas. As obras, mesmo particulares, exigem a intervenção de funcionários. Alguém lhes há-de pagar. Se Deus não ajudar, nós nunca seremos daqueles que estão sempre prontos para pedirem mil e um benefícios às autoridades e, ao mesmo tempo, procuram fugir aos impostos. Não é uma atitude inteligente, justa. Quando os Auto-Construtores se organizam em equipas de seis, oito, dez ou doze e se resolvem a fazer se oitenta, dez ou doze moradias precisam de tirar as necessárias licenças nas Câmaras Municipais. Não esquecer que se trata de gente que, fora desta organização, não faria as suas vidas. Estas licenças passadas a Auto-Construção e não aos Auto-Construtores — as casas só serão deles quando todas as do grupo estiverem concluídas — deverão custar dinheiro ou deveriam ser gratuitas? Por princípio desagradam-nos os privilégios. De certeza a grande maioria dos leitores que têm acompanhado Auto-Construção, através deste jornal,

responde imediatamente que deveriam ser gratuitas. Mas estes problemas não são assim tão fáceis. O erro do privilégio é quase sempre deseducativo. Não queria que os Auto-Construtores se pudessem jogar privilegiados. Em vez de lutar para não pagarem, gostamos mais de fazer o possível para que elas fossem pagas. De ou não Auto-Construção pagam as licenças camarárias? As autoridades que sabem o que está a fazer, que resolvam nós, desde já, nos submetem. Vamos agora a um caso concreto, muito prático, que passou e não devia ser conhecido. Auto-Construção pediu na Câmara Municipal do Porto licença para vinte e seis moradias para vinte e seis Auto-Construtores pobres. Como da própria essência do movimento, as vinte e seis casas demorarão bastante tempo a construir. Pediu-se o prazo de três anos. Os terrenos para as vinte e seis habitações foram oferecidos por dois particulares e as obras não estavam a via pública. Fizera-nos as contas e pagámos 10.109\$50 (dez mil cento e

Continua na 4.ª página

Agu Lusboa

me de instrução primária, familiares que, não raras vezes, nada quiseram saber das pequenas crianças, logo aparecem «sercias» encantadoras, prometendo e cantando maravilhas, visando, com frequência, meros intuídos de exploração das suas escassas possibilidades de trabalho.

No mês passado desloquei-me a Miranda. Na véspera tinha cá estado o pai de dois dos nossos, embriagado como sempre, sofrendo de paralisia parcial, talvez provocada pelo excesso de álcool, já que o «delirium-tremens» é evidente. Queria levar o mais velho dos filhos, de 14 anos de idade e há quase 5 em nossa Casa, onde começou a frequentar a escola. Que lhe ia arranjar ou havia arranjado emprego...

Como havia previsto, o «Rock», durante a minha ausência, fugiu, para ir residir (?) com o pai numa barraca e trabalhar numa casa de pasto...

Tem-me feito sofrer esta fuga. Que vai ser do «Rock»? Enquanto quem pode decidir não se pronuncia, tenho de me limitar a pensar. A lei, para casos como estes, em que é nítida a incapacidade física e moral do único progenitor vivo — a Mãe morreu no hospital, quando o pai estava preso e deixou 8 crianças numa barraca — devia facilitar, em processo sumário, toda a acção de inibição do poder paternal, desde que posta por entidade idónea. Doutrina, quando não é total o malogro, pelo menos, humanamente falando.

P. S. Não há para aí nenhuma Senhora que queira sofrer as dores, da entrega ao serviço, por amor de Deus, dos nossos Rapazes? A vida é dura e muitas as incompreensões; único prémio: a eternidade.

PADRE LUIZ

Património dos Pobres

Continuação da 1.ª página

zer pelos Pobres que encontrarem na sua missão, se agora forem formados a amar!

No mesmo dia telefonou um sacerdote jovem, embora já homem feito na vida, a marcar um encontro. Na sua região, a Bairrada, é necessário trabalhar muito, a começar pelos Pobres. Num dia de chuva havia encontrado um homem doente numa enxerga e só um resto de coberta por cima, num canto das ruínas dum casa. E há mais casos assim.

Não deu alarme, mas na vi-

la o caso foi conhecido. Levantou almas, abriram-se as rações que encorajaram a acção do sacerdote que não quer brincar à acção e amor de Cristo.

Os homens da Conferência de S. Vicente de Paulo em Leiria andam a acabar numa.

Os da Figueira da Foz têm mais duas prontas.

O pároco de Castanheira de Pera anda com a sua gente a preparar uma festa grandiosa da terra e não quer que falte a alegria aos Pobres.

Figueiró dos Vinhos parece que vai arrancar. Há muitos fogos acesos. É necessário que este fogo divino se propague a todas as terras onde haja almas e vidas sequiosas dele.

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

— A Sr.^a D. Virginia chama-me e mostra-me tudo quanto de bom nos traz um Casal muito amigo. Querem ouvi-la?

«Olha, hoje andava muito aflita, porque não tinha que dar aos Rapazes. Fui por aí abaixo a ver se havia algum porco em condições para matar, mas não havia! Fiquei ainda mais aflita. Quando vinha para cima, já desanimada e pensando no que havia de fazer, deparo com um casal que nos trouxe isto tudo!».

E mostrou-me muita carne, ossos e chouriço!

Este casal a que a Senhora se refere, é do Mercado do Bom Sucesso. De vez em quando aí aparece, trazendo-nos muita carne, ossos e chouriço!

Muito obrigado pela vossa generosidade, e que Deus vos pague.

— Após tanto silêncio sobre notícias do futebol, voltamos a dá-las e de bom grado.

O Grupo Desportivo não tem tido nos últimos tempos grandes desafios. Há dias foi convidado para treinar com o nosso vizinho União de Paredes. Fomos, e o jogo realizou-se à noite, uma vez que o seu bonito parque de jogos tem iluminação.

Desafio-treino bem disputado por parte das duas equipas e que, ao fim do tempo regulamentar, o Paredes venceu por 7-1. Este resultado deve parecer aos nossos leitores bastante expressivo. No entanto, e porque foram marcados «fora de jogo», não consideramos como válidos três dos golos.

No domingo seguinte, jogaram os juniores, que apesar da sua réplica, não conseguiram ir além de uma derrota por 4-3. Nada mais por enquanto, no que respeita a esta secção.

— Cheguei à administração do jornal. Marito, chefe dos miúdos que quinzenalmente dobram o Famoso, marca a cada um, certo número de jornais, e, ao mesmo tempo, horas, minutos e segundos! Se ao fim dessas horas, minutos e segundos não tiverem dobrado... cai «molho».

Logo após lhes ter marcado o jornal, Marito dirigiu-se para a máquina de endereçar. Quadro belo, este dos miúdos a dobrar o «Famoso», que daí a poucas horas irá para o correio. E, uma vez aí, seguirá para as casas dos nossos Amigos, espalhadas por esse lindo Portugal e estrangeiro! Até à próxima.

Fausto Teixeira

Lar de Coimbra

Toda a nossa vida é cheia de trabalhos: trabalho intelectual e físico. Para que este seja perfeito, é necessário vários obstáculos vencer, e para os vencer é preciso grande força de vontade.

Cá em casa não temos horas de entrada nem de saída. Cada um parte quando a sua vontade o pedir em sujeição ao seu emprego. É pontual se quiser. Mas toda esta liberdade tem de ter um limite. Começa-se a notar o abuso contínuo e trata-se de dizer-lhes uma frase de amargura de nós mesmos para levantamento deles. Nem sempre se compreende. Daí o aparecimento de revistas e «mosquitos»

para fantechar os espíritos indolentes e brincadeiras misturadas com palavras sem rumo. Ultimamente isso tem-se verificado com frequência. O estudo e as notas é que manifestam as consequências.

Para que a nossa vida não seja tão monótona dão-nos todas as facilidades: É a Associação Académica sempre com todas as possibilidades de assistência aos jogos, são os conimbricenses que não faltam com os seus carinhos. Previno-os já que a nossa festa realizar-se-á. Vários têm feito perguntas e pedidos a este respeito. Estejam descansados que têm já os bilhetes garantidos. Podem continuar com a marcha. É o senhor Adérito, de Ermesinde, sempre pronto a fornecer-nos bolas de ping-pong. Obrigado pela última remessa e... não se canse; é a empresa de camionagem «Oliveiras» sempre com toda a prontidão no fornecimento de bilhetes aos nossos vendedores até onde os seus domínios; e muitos mais.

Contudo nem sempre reconhecemos estas manifestações de amor, que nos são dirigidas. Os nossos Amigos admitem que qualquer um tenha defeitos e caia neles, mas num gaiato não se tolera. A estes que vieram da rua com todos os vícios, hoje querem-nos perfeitos. Pena é que não atinjamos essa grande perfeição. Mas não é impossível. Revejamos a nossa vida e se todos quiserem haverá concordância.

NOVO CHEFE—No dia da Sagrada Família houve eleições. Foi eleito José Manuel, já chefe de Miranda durante anos. Frequenta o 2.º ano Industrial e é carpinteiro. Certamente que fará render a sua experiência e as suas qualidades. Que nos ajude para nós podermos ajudar também. E numa ajuda mútua mais leve se tornará a carga.

Joaquim

BELEM

FRANGOS — Eu vou aqui contar uma coisa que já aconteceu há muito tempo mas, como mete muita graça, ainda vai a tempo.

No verão, quando nasceu a segunda ninhada de pintainhos, dormiam dentro de um caixote, à entrada do corredor, porque as nossas capoeiras não são grande coisa e tínhamos medo que os ratos os fossem comê-los. Depois começaram a crescer, já mal lá cabiam e de manhã faziam muito barulho, a piar.

De maneira que a nossa Mãe disse à Deolinda que no dia seguinte os pintainhos se haviam de mudar para a capoeira de cima, mas primeiro haviam de mudar os grandes para junto das galinhas.

Calhou nesse dia vir cá o Sr. Padre Carlos com uns gaiatos. Ora a nossa Mãe andava muito atarefada e tinha muito em que pensar e fazer, portanto não podia lembrar-se de tudo ao mesmo tempo.

À tarde, quando ela foi recolher as galinhas meteu os pintainhos na capoeira e os frangos meteu-os no caixote e deixou-os à porta da cozinha. Eram 12 frangos e uma galinha e nem sei como é que eles couberam.

De noite começaram a sentir-se muito apertados e faziam muito barulho. A nossa Mãe julgava que andava lá a raposa e não teve remédio senão levantar-se. Então é que viu o lindo serviço.

De manhã perguntou à Deolinda qual tinha sido o recado dado.

Ela respondeu que se haviam de mudar os frangos, mas como a nossa Mãe nunca mais ia mudou-os ela.

Conceição

O CARNAVAL — Nós passámos o Carnaval com grande alegria. Andámos a apanhar vides, a fazer feixes e a atá-las. No fim fomos jogar com um e então é que foi rir, porque algumas não o seguravam.

A certa altura a nossa Mãe chamou-nos e deu-nos serpentinas de várias cores. Deitámos na porta principal, nas laranjeiras, na varanda, e até nas janelas dos quartos. Ficou tudo muito bonito. Andávamos a dançar e a nossa Mãe veio deitar milho, da varanda, às galinhas. Quando demos conta vinham rebuçados misturados e nós atirávamo-nos sobre eles. As galinhas

fugiram assustadas e a Licas quase que ia matando uma. Depois as galinhas perderam o susto e iam comendo o milho enquanto nós caçávamos os rebuçados.

Algumas meninas apanharam muitos rebuçados e a nossa Mãe disse que se fôssemos umas meninas boas que podíamos repartir umas com as outras, para ficarmos com os mesmos.

Sãozita

MATANÇA DO PORCO — Aqui há tempos a nossa Mãe mandou matar o primeiro porco. Nesse mesmo dia fizeram-se as morcelas, com o seu sangue, pão e gordura. Eu e a nossa Mãe partimos a gordura para elas, a nossa Mãe enchia as morcelas, a nossa avózinha atava e a Licas e a Conceição ajudavam.

Passados alguns dias fizeram-se as alheiras com a carne dos ossos, pão e outras carnes. Eu e a Conceição partimos o pão para elas. Quando se foram encher as alheiras, a nossa Mãe pôs a Maria de Fátima a encher, mas ela não enchia nada; pô-la a atar e não atava nada e por isso teve que chamar a Odete que é uma trabalhadeira da quinta. A nossa Mãe atava, a Marina ajudava e eu estava com as mãos limpas para o que fosse preciso.

Quando a carne já estava pronta fizeram-se as chouriças. Ainda não as provámos, mas devem estar boas.

Para a salgadeira foram os presuntos, as pás e ainda mais carne.

Lurdes

No Barreiro reina inquietação. Tenho notícias de vivo alvoroço, de revolução de bem, de iniciativas em marcha, do desejo de rasgar caminhos — forte decisão de travar e diminuir a marcha da miséria que ali é. Não admira. O contrário é que causaria espanto. A maior da sua gente é boa. Jesus o apaixonado dos Pobres e seu evangelizador está a entrar no Barreiro com toda a frescura da sua doutrina e a força inicial do seu amor.

«O Gaiato» desde há tempos para cá, esgota-se todas as quinzenas. Eu recebo cartas de interesse pelo jornal e pelos rapazes. Donativos anónimos e com remetente: — amor que se acendeu e tenta incendiar.

A inquietação é fenómeno espontâneo nestas circunstâncias!

Pela sua fama de industrial o Barreiro é chamariz de muitas famílias que ali acorrem à procura dum salário mais seguro, instalando-se de qualquer modo.

São muitos os pátios onde as barracas se aglomeram e as famílias definham. Alguns, os

Auto Construção

Continuação da 3.ª página

ve escudos com cinquenta centavos). Achámos muito e perguntámos. Se essas vinte e seis casas, nas mesmas condições, levássem apenas um ano a construir, quanto pagaríamos? — 1.997\$60 (mil novecentos e noventa e sete escudos com sessenta centavos).

Não está certo. Se uma pessoa rica pretendesse fazer essas vinte e seis casas no prazo de um ano, pagaria 1.997\$. Mas porque se trata de pobres, e que, por isso mesmo, sim, por serem pobres precisam de mais dois anos pagam (e pagámos mesmo) 10.109\$50. Faremos tudo o que pudermos para que, amanhã, não seja assim.

(Toda a correspondência para Auto-Construção—Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Setúbal

bairros de latas; larga a prostituição escondida, elevado o número de presos; uma grave quantidade de menores abandonados.

Tenho andado por lá e observado de perto cenas que me são familiares dada a minha vida de padre da rua.

Era uma tarde de Dezembro, após dois meses de inverno, de duro inverno chuvoso, desolado e frio este em que estamos a viver. Aqui e ali lagos de água abundante, barrenta e mal cheirosa. Barracas ensopadas escorrendo água pelas tábuas apodrecidas traziam ao ambiente uma sombra de morte.

Começámos a visita. Nesta, a um canto estavam os restos de uma passadeira de cisal encharcados, ninho de um pobre velho que era só. No meio dela, corria um regato de esgotos empestando o ar ventilado por mil buracos. Um monte de tabuinhas cardidas e latas ferrugentas, um alguidar sujo com uma colher nojenta era toda a riqueza daquele homem só.

Noutra, o ambiente era idêntico, sem o regato de esgotos que não corria por dentro, mas o cheiro aproximava-se. Uma mulher dos seus cinquenta anos, cega, sentada numa encheraga muito suja, ensopada (o teto da barraca era de latas; fazia cova no centro, toda a água que caía em cima, toda caía dentro) apertava contra o peito, embrulhando-se num farrapo a servir de chaille, uma criancinha que esmordaçava um bocado de pão sujo ligado por um fio de muco às fossas nasais.

O vento entrando por um sem número de buracos cortava e fazia-nos tremer de frio.

A ceguinha desabafava: «Tenho quatro filhos. Um está na Guiné... O meu rico filho!... De dois ninguém faz nada. E como hão-de fazer? — Pergunto eu. — A sua escola foi pedir e roubar. Uma filha mais velha

que vive menos mal, espantou-a de casa. E agora, o mais sublime nas lágrimas torrenciais daquela cega: «O meu marido, o pai dos meus filhos, deixou-me; mas, há dias, apareceu aqui bêbado, tinham-lhe batido; vinha molhadinho que nem um pinto e eu tive pena dele e arrecolhi-o». Oh! amor que não é sacramental mas que é amor!...

Onde encontramos nós semelhante? Onde?

A seguir mais outra. Estava armada numa cova. Durante todas as longas noites de inverno, o casal se levantou para tirar a água da barraca. Seis filhinhas... Para não dormirem as mais velhas na encheraga paterna, o pai, sem espaço, armara-lhes uma tarimba-beliche por cima da tarimba deles. Eram quatro horas da tarde. Três meninas sentadas no chão que é a terra molhada e enregelada. Três sentadas na encheraga e de pé. Brancas, anémicas, magras, magreza de fome e de doença, doentes. Tomavam café sem pão às quatro horas daquela tarde sinistra.

A Mãe pareceu-me meia anormal. Deve ter sido criada em ambiente semelhante a este em que cria agora as filhas. O pai está desempregado por causa de um acidente. Recebe de indemnização 1.200\$00 por ano!...

E mais... E mais...

Há dias, na praça pública, alguém apontava em ar de acusação três mocinhas de 17, 14 e 12 anos!

Onde está a nossa autoridade para acusar? Onde? — O que esteja ilibado de culpa tire-lhes a primeira pedra.

Precisamos de uma revolta. Uma revolução de bem. Precisamos de congregar todas as energias e boas vontades. Precisamos sobretudo, e acima de tudo, de valores humanos com capacidade cristã e depois também de dinheiro... Trata-se de realizar uma Redenção!...

Padre Acílio

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes